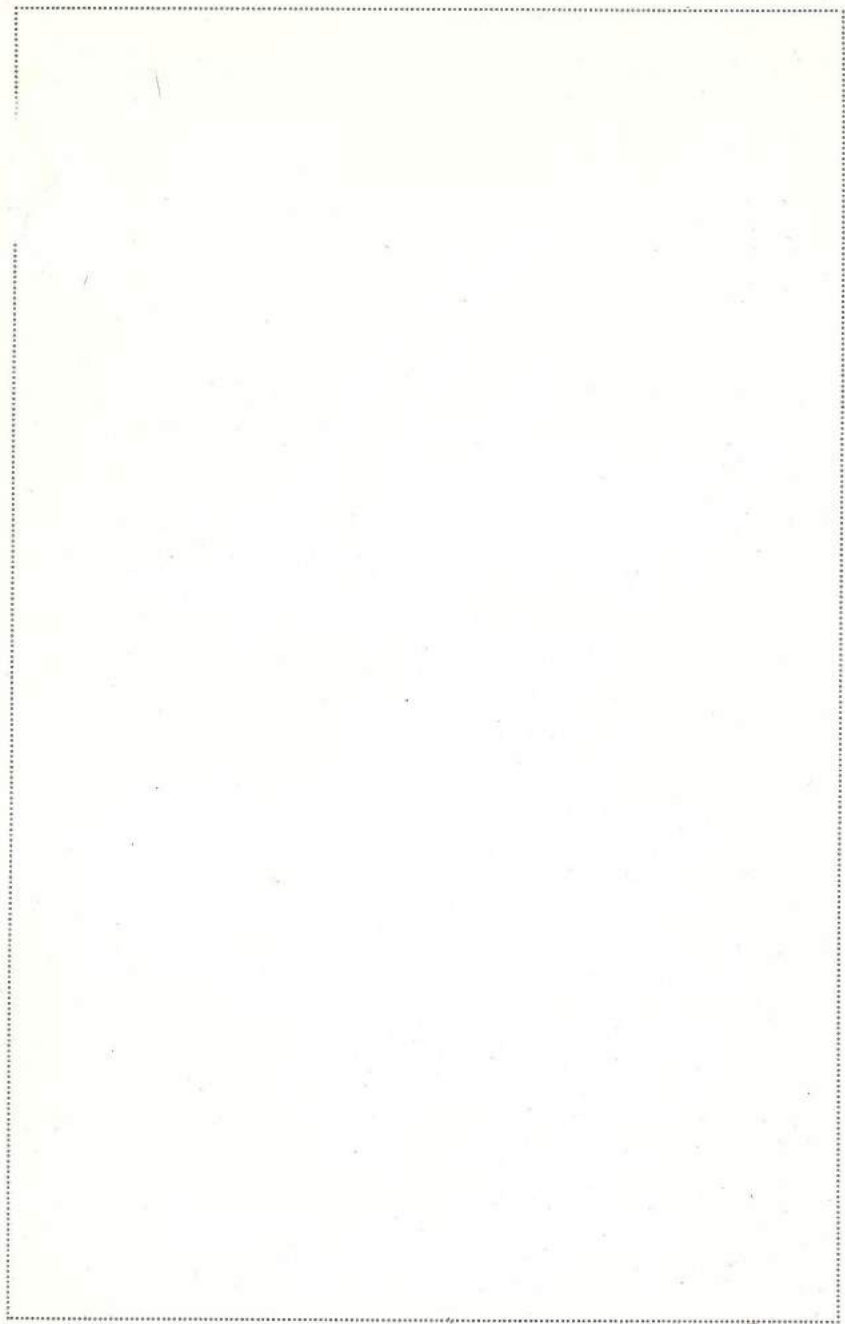


ALMA E VIDA



FRANCISCO
C. XAVIER

MARIA
DOLORES



*Alma
e Vida*

*Francisco Cândido Xavier
Maria Dolores*

**CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP**

X19a

Xavier, Francisco Cândido, 1910-
Alma e vida / Francisco Cândido Xavier;
[pelo espírito de] Maria Dolores.
São Paulo: Cultura Espírita União, 1984.

1. Espiritismo 2. Poesia brasileira
3. Psicografia I. Dolores, Maria. II. Título.

84-1600

CDD-133.91
-133.9
-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados: Espiritismo 133.9
2. Espiritismo 133.9
3. Poesia: Literatura brasileira 869.91
4. Poesia mediúnica: Espiritismo 133.91



**CULTURA ESPÍRITA UNIÃO
C.E.U.**

Alma e Vida

Direitos Autorais CEU® 1984

1.ª Edição – 20.000 exemplares

Editora Cultura Espírita União
R. dos Democráticos, 527
04305 – Vila Monte Alegre
Caixa Postal 1564
Jabaquara
C.G.C. 51.602.688/0001-10
Insc. Est. 110.182.264
São Paulo

Impresso no Brasil

Revisão:
Beatriz Lourenço Peixoto Galves

Capa e Produção:
João Santoro

Past-up:
Orlando Fiaminghi

Diagramação:
Vivaldo da Cunha Borges

Fotocomposição:
Takano Artes Gráficas

Foto da Capa:
Gama Sigla Foto Arquivo

Fotolito:
Exitus Fotolitografia

Sumário

1 - Regresso de Simão Pedro	11
2 - Reportagem	15
3 - Servir mais	19
4 - A alegria de Jesus	23
5 - Convite de irmã	29
6 - No correio da luz	31
7 - A árvore e a fonte	33
8 - Petição e resposta	37
9 - Esse alguém	41
10 - Sonho e vida	43
11 - Cantiga da tolerância	47
12 - Gente nossa	49
13 - Provação de um homem	51
14 - Cantiga da dor	57
15 - Perdoo e serve	59
16 - Jesus e a caridade	61
17 - Riqueza mais alta	63
18 - Espinhos	65
19 - Alvorada do reino	67
20 - De alma para alma	71
21 - Caravana	73
22 - Redenção e amor	75
23 - Agradecimento	81
24 - Família e vida	83
25 - Nesga de prova	85
26 - Cantando agradecemos	91
27 - Festa de amor	93
28 - O caminho do reino	97
29 - Arte e vida	101
30 - Lembrança íntima	105
31 - Amor e vida	107
32 - Oração no tempo	113



Prefácio

Leitor amigo:

Maria Dolores dispensa qualquer apresentação.

Mensageira da Espiritualidade, empenhada à expansão do amor que Jesus nos legou, sabe musicar a palavra e transmitir-nos as lições da existência, alicerçadas no otimismo e na esperança, na bondade e na ternura humana, elevando-nos os corações a nível superior de entendimento.

Eis porque, certamente, a devotada Seareira do Bem, nos oferece o novo livro da laura de sua enobrecida inspiração, sob o título: "Alma e Vida."

Alma do amor iluminando a vida!... Que mais conseguiríamos dizer além desta síntese?

Em nossa emoção, algo mais ser-nos-á lícito acrescentar.

Cabe-nos, sim, expressar os nossos votos ao Senhor para que a Autora Espiritual, nossa irmã e companheira nas tarefas da Vida Maior, prossiga adiante escrevendo e auxiliando-nos a raciocinar sentindo e a sentir raciocinando, para que a nossa própria Alma, diante da Vida, possa compreender e ver melhor.

EMMANUEL

Uberaba, 21 de Fevereiro de 1984

Retorno de Simão Pedro

*Simão Pedro desperta, além da vida humana.
Retoma, pouco a pouco, as forças da memória.
Terminara, por fim, a luta insana
Do flagelo por grande pesadelo
Recorda a cruz do fim, levantada ao avesso,
Que aceitara na Terra por vitória...
Sabe que está no Além, pensando em recomeço
Do próprio apostolado...*

*Onde estaria o Mestre Sempre Amado?
E os outros companheiros
De ânimo nobre e forte,
Que o haviam, no mundo, precedido,
Sob a perseguição sem pausa e sem sentido,
Ao encontro da morte.*

*A brisa da manhã suave e cristalina
Trazia-lhe perfume ao leito novo e alvo...
Indagava Simão: "Que surpresas teria?"
Tocou o próprio corpo, achou-se são e salvo
E chorava, enlevado, em suprema alegria...*

*Alguns instantes mais e ouviu, enternecidamente,
Cânticos de louvor e saudação;
Alguém surgiu à porta, de repente,
Envolto em doce luz
A doar-lhe conforto e proteção...
Pedro entendeu quem era e bradou-lhe: "Jesus!"*

*Erguendo-se, em seguida,
Leve e ágil, griou: "Ave, Senhor da Vida!..."
Cristo abeirou-se dele, a enlaçá-lo sorrindo,
Depois vieram outros companheiros,
Instrutores, amigos, mensageiros,
Do júbilo fazendo o festival mais lindo...*

*Pedro enxergou, feliz, os vergéis exteriores...
Eram jardins imensos,
Recheados de flores.*

*Em profunda euforia,
O ditoso Simão
Tomou a si a mão
Que Jesus lhe estendia
E disse, quase em pranto:
– Senhor, estou cansado,
Não mais me distancies de teu lado...
Trago comigo a dor
Dos que moram no mundo,
Aquele imenso caos, cada vez mais profundo,
De penúria, fadiga e sofrimento...
Não desejo perder as luzes que hoje alcanço,
Permite-me, Senhor ficar contigo,
Neste celeste abrigo...
Necessito de paz, de socorro e descanso...
Louvor a ti por me buscares...
Deixa-me nestes bosques estelares...
Ao mundo de onde venho,
Pelas tribulações padecidas no lenho,
Não mais quero voltar...
Desejo aqui viver contigo, neste lar...*

*Mas Jesus apontou-lhe o imenso espaço à frente
E falou-lhe a sorrir:
– Fica, Simão, se estás contente...
Estes sítios são teus,
Tanto quanto de todos os irmãos
Que serviram, na Terra, à bondade de Deus...*

*Cristo fez pausa e, logo após,
Explicou: "Quanto a mim,
Não posso repousar;
A construção do bem é o meu lugar...
Ouve, Simão!... Enquanto
Houver na Terra um só gemido
Numa gota de pranto,
Enquanto houver no mundo um coração caído,
Devo esforçar-me por permanecer
No trabalho do amor que é meu dever...
Mas, descansa, Simão!... Ver-nos-emos depois,
Nunca houve distância entre nós dois...*

*Afastou-se Jesus,
Entretanto, Simão fitando o Excelso Amigo,
Bradou sem vacilar:
– Senhor, eu vou contigo!...*

*No passo firme do Divino Mestre,
Ambos se retiraram das Alturas,
Buscando a direção das faixas obscuras
Da vastidão terrestre...*

*Na retaguarda, em paz, ficou a multidão
De almas angelicais, numa doce canção,
Cujos estribilho recordava
Esta expressão de luz dos hinos galileus:
– "Louvado seja o amor!... Bendito seja Deus!..."*

Reportagem

*Reportagens!... Tantas vejo,
Entre pessoas e fatos,
Revelando altos contatos
No campo da informação!...
São estudos de armamentos,
Informes de grandes vultos,
Entrevistas de homens cultos,
Assuntos de ocasião...*

*Lendo as letras das cidades,
Busquei as periferias,
Tentando outras companhias
Que desejava escutar;
Pareceu-me estar num mundo,
Desvairado e diferente,
Onde existe tanta gente
Entre a revolta e o pesar.*

*Vi pobre mãe a estender-me,
No auge do desconforto,
Triste seio semi-morto
E uma criança a gemer.
– Minha irmã, – ela me disse, –
Que dizer do que me ocorre,
Grito e ninguém me socorre,
Vendo meu filho a morrer...*

*Numa choupana de lata,
Falou cansado ancião:
– Explicar-me? Por que não?
Note a mágoa que senti...
Sou cego, mas tive casa,
Com mesa rica e seleta,
Dei o que eu tinha a uma neta
E a neta largou-me aqui...*

*Foi num telheiro afastado
Que encontrei mais adiante
A irmã quase agonizante
Com febre alta a pedir:
– Minha irmã, rogue, em meu nome,
À pessoa que me aceite
Um pires de pão com leite
Para que eu possa dormir...*

*Mais além, outra mulher,
Transportava, a curtos passos,
Um filho morto nos braços
Para dá-lo a um rabeção:
Ela chamava: – “Oh! meu Deus,
Se entreguei meu filho à morte,
Quem será meu braço forte,
Nas horas de privação?!...”*

*Entrevistas, reportagens?...
Em serviço, trago esta...
Não tem o gosto de festa,
Nem verbo renovador;
Traduz apenas convite
Ao trabalho, em qualquer hora,
Para darmos a quem chora
Uma centelha de amor.*

Servir mais

*Alma querida, não fales
De mágoa e ressentimento,
Ante o impacto violento
Da dor, onde quer que vás;
Esquece-te e prossigamos
No esforço de nosso nível,
Agindo, quanto possível,
Para o sustento da paz.*

*Além das áreas de angústia
Em que a penúria domina,
A prova se descortina
Onde sobram teto e pão;
Muito conforto que anotas
Traz a lágrima escondida
E o ouro que enfeita a vida
Muitas vezes surge em vão.*

*O progresso se agiganta,
Continente a continente,
A cultura exige frente,
Quer o gênio mais lugar;
Levantam-se arranha-céus,
O cérebro ganha altura,
Mas ouve-se a desventura
Do sentimento a chorar.*

*Casas nobres abrem alas
Para a vitória do estudo,
Mostra o povo anseio agudo
De Vida Superior;
Mas o tóxico se espalha,
Sob lances infelizes,
O lar é um campo de crises
À míngua de paz e amor.*

*A guerra que vibra acesa,
De lado a lado do mundo
Feriu, a golpe profundo,
A confiança no bem;
Medo, tensão, amargura
Dos seres incompreendidos
São lágrimas e gemidos
Que atingem o Mais Além.*

*Sigamos, alma querida!...
Em dolorosos enganos,
Nos raciocínios humanos
A sombra alcança apogeus...
Elevemos, ante o Cristo,
As forças do coração...
Toda a Terra em transição
Tem fome da luz de Deus.*

A alegria de Jesus

*Ele, homem de fé,
Ouvira alguém dizer, um dia,
Que Jesus, em legando a paz ao mundo,
Também deixara aos homens,
Junto à bênção da paz, em sentido profundo,
O dom celeste da alegria.
A calma ele encontrara esquecendo as ofensas
E cumprindo o dever que lhe cabia.
No entanto, onde encontrar o júbilo do Mestre,
Entre as contradições do caminho terrestre?*

*Buscou sinceramente o serviço das crenças...
Todas elas traçavam
A senda nobre e reta,
Mostrando a fé por meio e os altos Céus por meta,
Mas, muitos dos fiéis, quase em todos os cultos,
Eram tristes, amargos, sofredores;
Pediam proteção, chorando as próprias dores,
Fossem jovens ou adultos,
Em vasta maioria,
Oravam tão-somente a rogar e a gemer,
Pouca gente sabia agradecer
Ao chão que lhes doava água, apoio e comida,
Nem pensar na grandeza
Da própria natureza
Que lhes acalentava os dons da vida.*

Onde estava a alegria de Jesus?

*Ele foi procurá-la
No cimo da montanha,
Entretanto, a montanha em plena luz
Que o Sol lhe endereçava em raios cor de opala,
Era bela e altaneira,
Mas lamentava os temporais
Que lhe abriam no corpo as chagas da erosão.*

*Foi ao vale a se abrir em pompas naturais
Na beleza das flores...
O vale era um jardim de perfume e cores,
Mas censurava as larvas que o feriam...*

*Ele foi consultar
As áreas de um pomar,
As árvores mais fortes e mais belas
Talvez fossem as altas sentinelas
Da divina alegria...
As árvores, porém,
Todas vestindo em verde, alegres e felizes
Sobre os sapatos das raízes,
Davam a quem passasse os próprios frutos,
Entretanto, queixavam-se do vento,
Que lhes quebrava o corpo, ao furacão violento.*

*O homem foi ao mar...
O oceano que se reconhecia
O gigante maior, existente no mundo,
Expressava-se em cólera sombria,
Talvez gritando a dor em que vivia,
Por ocultar, no próprio fundo,
As vítimas de guerra
E os resultados da pirataria...*

*Ele peregrinou, quase que em toda a Terra,
Sem achar a alegria de Jesus.*

*Numa noite, porém, chuvosa e fria,
Lobrigou na calçada
Um velhinbo caído sem ninguém...
Sofreu ao ver-lhe o peito e os braços nus;
Não quis saber quem era...
Ali estava alguém
Que devia tratar qual se lhe fosse irmão.
Conhecia um telheiro próximo e vazio,
Podia socorrê-lo e livrá-lo do frio.
Tomou-o com cuidado,
Aconchegando ao peito o infeliz desmaiado;
No entanto, ao dedicar-lhe a máxima atenção,
Sentindo que lhe ouvia o próprio coração,
Notou que lhe nascia
No âmago do ser um júbilo profundo
Associado à paz de que se revestia.
Ao transportar o pobre ancião,
Ele reconheceu que descobria,
Sob o calor de estranha luz,
Em sublime alegria,
A celeste alegria de Jesus.*

*Desde então, muito embora
Cumprisse as obrigações de cada hora,
Em todos os sentidos,
Fez-se o irmão dos caídos...
Carregava esses pobres companheiros
Que encontrasse na rua
Para abrigos, refúgios e telheiros.
Não só isso,
Doava sempre a quem necessitasse
A própria prestação de apoio e de serviço...*

*O tempo desgastou-lhe o corpo alterado e doente...
Ele, porém, sentia-se feliz,
Servindo sem cessar
Na mesma diretriz.*

*Numa noite, entretanto, ele caiu,
Ao carregar um ébrio desditoso...
Estirado no pó, quase que num instante,
Viú-se fora do corpo enfermo e idoso...
Sob dor lancinante,
Qual se agudo punhal lhe traspassasse o peito...*

*Fitou o antigo corpo imóvel,
Conquanto fraco, embora,
Usufruiu agora
Um corpo mais perfeito.
Sentiu-se um tanto inquieto... O que seria?
Mas alguém se mantinha de vigia...
Era um homem trajando um manto acolbedor
Que lhe estendia os braços num sorriso
Feito de paz e amor...*

*E ele que carregara tanta gente
Viui-se, então, transportado, de repente,
E esquecendo a doença, o desgaste e o cansaço,
Notou que resguardado com carinho,
Ele e o homem de luz
Subiam juntos para o Grande Espaço...*

*Que se passava ali? O que haveria?
Ele não quis saber... Repousava e seguia
Nos braços que o guardavam,
Atento ao benfeitor que o conduzia;
Ele sabia apenas
Que atravessava as regiões serenas
Da Altura recamada
De branda e extensa luz
Buscando o Grande Além, chorando de alegria,
Na celeste alegria de Jesus.*

Convite de irmã

*Sofres, de longa data, o rude assédio
De provações, dentro de casa:
É o pai doente, é o filho que se atrasa
Nos deveres do estudo, entre os quais se habilita
Para a vida melhor, mais nobre e mais bonita;
É a filha habituada ao desencanto e ao tédio
Em que parece alienada;
São os amigos e irmãos de palavra dourada
Que te falam de amor e de carinho
E te deixam nas pedras do caminho...*

*Não te entregues, no entanto,
À tristeza vazia.
Sai de ti mesmo e vem conosco à escola
Onde a força do Bem nos reanima e consola,
Doando-nos apoio e companhia.
Comecemos o nosso aprendizado
De aplicação à prática do Bem:
Muito perto de nós, em único recanto,
Com todo o fel que a privação contém
Agoniza um enfermo sem ninguém.*

Nossa jornada continua...
Estendamos socorro às mãos infortunadas
Que mendigam na rua,
Às criancinhas desacompanhadas
Que buscam, por instinto,
Nas sacolas de lixo das calçadas
Um pedaço de pão que lhes acalme o estômago
E aos doentes sem paz, aqui e além faminto,
Sem choça que os açoit...
Ei-los rogando espaço e pouso, antes que chegue a
noite...

Vem aprender, ante as lições da prova,
Nas aulas sob pontes esquecidas,
Nos becos, nos porões, nas avenidas
E entenderás que a vida se renova
À frente dos irmãos do pranto e da amargura!...
Então regressarás ao lar que te guarda e te apura,
De coração tomado de alegria,
Notando no trabalho e no esforço dos teus,
Doces obrigações de cada dia,
Dando graças a Deus.

No correio da luz

Uma longa jornada em noite fria
É como se a existência se te fosse...
Segues temendo a sombra... A ventania
É o turbilhão de pó que ela te trouxe...

Ampliam-se os calhaus em que tropeças...
O aguaceiro desaba... O granizo te alcança...
Assombram-te os perigos que atravessas,
Arrimando-te à prece em fios de esperança...

Ergues-te e caís... Levanta-te, rastejas,
De coração atento aos deveres que levas...
Há quem te aguarde, além do repouso que almejas,
A mensagem da paz, no amor que vence as trevas...

Sangrem-te os pés, esforça-te, porfia,
Olvida a própria dor, na estrada austera,
E atingirás, chorando de alegria,
A luz do novo dia que te espera...

A árvore e a fonte

*Era uma laranjeira de alto porte,
Muito perto da fonte que a nutria,
No recanto obscuro de um pomar...
Aves faziam dela um reino de alegria
Sobre o apoio do tronco largo e forte.*

*Quadro de paz e amor da Natureza:
A árvore a farfalhar, entre as frondes felizes,
Os melros, os sabiás e os gaturamos
Tecendo ninhos nos seus ramos,
Uma fonte, alentando-lhe as raízes
E o céu azul ao Sol, cobrindo-lhe a beleza!...*

*Vegetal esquecido pelo dono,
Não se queixava de abandono,
Muito contrariamente, ao invés disso,
Era um palácio verde em constante serviço...
Abelhas tinham nele um refúgio e um tesouro,
A sorverem-lhe o mel dos frutos que lembravam
Pomos vestidos de ouro...*

*Mas, um dia, surgiu extenso bando
De homens sedentos e famintos
Que deram pasto franco aos seus próprios instintos;
Depois de enlamear a fonte de águas claras
Agrediram a nobre laranjeira,
Manobrando facões, pedras e varas
E, em estreitos minutos,
Despojaram-na, inteira,
De todos os seus frutos.*

*A fonte sempre calma
Guardou manchas e mágoas,
Lavando sobre a areia as suas próprias águas...*

*A árvore fez silêncio.
Maltratada e ferida,
Deitava a seiva em pingos qual se fossem
Densas gotas de pranto...*

*Os pássaros, no entanto,
Não choravam somente os estragos nos ninhos;
Entre arbustos vizinhos,
Lastimavam as duas benfeitoras:
A fonte que os mantinha em constante alegria
E a árvore de bênçãos protetoras
Que lhes doava o pão de cada dia...
E pipilavam com tamanha dor
Que pareciam todos juntos
Numa prece de amor,
rogando a Deus, em voz enternecida,
Que as protegesse
E as refizesse para a luz da vida.
E Deus lhes atendeu aos rogos de ternura
Dentro de tempo breve, em verdes resplendores,
O tronco era, de novo, um palácio de flores
E a fonte era mais pura.*

*Nesse quadro do campo, alma querida,
Vejo-te a vida, – o tronco, – e a fé que sintetiza
A fonte linda do teu belo ideal,
Entre os pobres irmãos adversários
Da crença que nos guarda e nos eleva,
Sem saber que se fazem
Intérpretes da treva
E empreiteiros do mal...
Tristes amigos irritados!...
Sei que te ferem, alma boa,
Entretanto, trabalha, ama e perdoa;
No tempo que se altera sobre o tempo,
Surgirão transformados!...
Os descrentes e os maus, na condição de ateus
São sempre corações desesperados
Com saudades de Deus.*

Petição e resposta

*Busquei o campo, a fim de meditar
Nas provações da Terra, em vastas crises...
Como sanar a dor das almas infelizes?
Como estender a fé ao pranto do pesar?*

*Encerrada em mim mesma, ali, à sós,
Fitei o Céu imenso, a esmaltar-se de luz,
E surpreendi-me, orando em alta voz,
Perguntando a Jesus:*

Mestre e Senhor!...
Já que nos enviaste ao mundo desatento,
Para falar do amor
E proclamar-te o ensinamento
Nos alicerces da esperança,
O que dizer aos homens nesta hora
De amarga transição?
O sofrimento avança
E enquanto as luzes do progresso
Tomam novos lauréis nas grimpas onde estão,
Vemos a multidão que se excrucia e chora
Nos mais remotos ângulos da vida...
O que dizer, Senhor, à mágoa indefinida
Das mães que perdem filhos bem-amados
Que apenas começavam a viver?!...
Filhos de primavera e juventude,
Que recolhem nos braços desolados,
Quais lírios em botão,
Que a morte decepou, antes da floração?
Que dizer aos que fogem
Para os domínios da aventura
E caem, sem pensar, nas tramas da loucura,
Superlotando sanatórios
Que lhes apaguem a alucinação?
Que ensinar aos irmãos acidentados,
Que despertam, depois da anestesia,
Para saber que foram mutilados,
Com mais problemas para cada dia?
De que modo afastar o desconforto

Da mulher que carrega um filho nascituro,
Ante o marido morto,
Imaginando as dores do futuro?
O que dizer, Jesus, aos que vagam na estrada,
Muitas vezes com febre, frio e fome,
Sem apoio e sem lar na caminhada
De aflição que os consome?
Como extirpar a desesperação
Daquela que organiza a própria despedida,
No intuito de fugir ao fel da própria obrigação
E fazer-se suicida?
Como extinguir na Terra a violência e a penúria
Dos conflitos do ódio sempre em fúria,
A fim de apedrejar e destruir
Tudo o que mostre o bem, nas asas do porvir?

*Confesso que chorei, mas mergulhada em pranto,
Escutei, de repente,
Um celeste mentor que, em silêncio, me ouvia,
A me dizer, fraternalmente:
– Irmã, a dor no mundo é o preço da alegria,
Sofrimento é recurso amargo e santo
Preparando, na Terra, os dias que virão...
Bendita seja a luz da provação!
Se desejas servir ao Cristo que nos chama,
Nada reclames... Segue, serve e ama!*

*Nisso, ouvi alguém gemendo, em voz dorida e
Larguei-me da emoção, mansa...
Indagando a mim própria quem seria...
Atravessei, à pressa, alguns trechos de chão
E encontrei, dentro da noite fria,
Paupérrima choupana...*

*Lá dentro, um quadro de ternura humana:
Pobre mulher, em pranto, procurava
Podar a dor de frágil pequenina,
Que doença fatal, aos poucos, destruíra,
Por falta de agasalho...
Coloquei-me em trabalho,
E envolvendo-a de todo,
Fiz-me calor e paz, apoio e segurança...
E, em oração, no estreito bosque escuro,
Compreendi que amparar a uma criança
É também cooperar nas bases do futuro.*

Esse alguém

*E suportas, sem pausa, alma querida,
Doença, inquietação, infortúnio, tristeza,
No imenso desencanto da alma presa
No grande espinheiral de ansiedade e de dor...
Ninguém entende as lágrimas que choras,
Pois em tudo de bom que o mundo te oferece,
Retiras tão-somente o socorro da prece,
Por doação de paz, no Céu, em teu favor.*

*Na vastidão da noite, entregue ao pensamento,
O silêncio é uma farpa em que te cortas...
Ajuntas esperanças semi-mortas,
Sem que a memória as possa carregar...
Onde os teus sonhos? Onde os teus projetos?
Todos se foram sob a ventania
Da provação que ruge e rodopia,
Extinguindo o prazer e deixando o pesar.*

*Entretanto, não temas. Luta e segue...
Alguém te escuta e vê a presença sofrida,
Resguardando-te a fé e amparando-te a vida,
Doando-te consolo, paz e luz.
Chora, sem atirar-te ao desespero,
Tolera a própria dor, por mais estranha,
No apoio desse alguém que te acompanha,
Que esse alguém é Jesus.*

Sonho e vida

*Aquele solo agreste era o lugar remoto
Onde vivia a sós o anônimo devoto.*

*Jovem ainda, ele presenciara
A cena que jamais olvidaria:
O pai apunhalado em agonia
Ante o vizinho que o aniquilara
Por mínima questão
De terra, muro, água e plantação...
Depois disso, afirmou no vilarejo
Que todo o seu desejo
Era buscar Jesus, sem sombras, sem perigos
E consagrar-se ao Mestre, inteiramente.
Não lhe valeram rogos de carinho
Da família que o viu mudado, de repente,
Declarava querer o seu próprio caminho
E partir com destino ignorado...
Avançou e avançou por regiões distantes,
Até que se instalou num bosque descampado
Que pagou a dinheiro de contado...*

*A não ser velho servo surdo e mudo
Que lhe servia a mesa
E lhe prestava auxílio em quase tudo,
Ninguém mais o avistara, ninguém mais.
Vivia em prece pelos matagais
E através do silêncio
Na paisagem formada em verdura e beleza,
Dava-se, vez em vez, à Natureza,
Plantando flores, quanto às quais dizia
Serem todas ofertadas ao Senhor,
A quem se devotara pleno de alegria
E profundo fervor.*

*Nas orações de cada dia,
após entretecê-las,
Fitava o céu da noite, esmaltado de estrelas
E falava, em voz alta, implorando a Jesus:
– “Revela-me, Senhor,
Seja onde for e seja com quem for,
A tarefa que eu deva realizar!...
Tudo quanto desejo é te honorificar,
Em mim, tua vontade é um santo compromisso,
Dá-me teu plano, engaja-me em serviço!...”*

*O Tempo desfolhou vinte nove janeiros.
O devoto, porém, vivendo solitário,
Nunca mais consultou o calendário.
Dia-a-dia, o silêncio, a quietude e a oração
Em que pedia aos Céus qualquer indicação
Do trabalho a fazer,
Que aceitaria, enfim, por sagrado dever...*

*Certa noite, no entanto, ele se viu em sonho
Encantado e risonho,
Numa ilha de paz, no mar do firmamento;
Espantado, ele viu, piedoso e atento,
Que Jesus vinha vê-lo...
Ergue-se para ouvi-lo em recatado zelo
E eis que o Mestre lhe diz confiante e amigo:
– “Filho, regressa ao lar, terás boje contigo
O encargo que pediste em oração...
Um companheiro, em vasta provação,
Virá pedir-te amparo e socorro em meu nome;
É um pobre delinqüente
Que tem pago no mundo, asperamente,
Os erros dos momentos de loucura.
Já sofreu menosprezo, abandono, assalto, desventura...
Hoje, é mendigo, um réprobo que erra
Nas veredas de lágrimas da Terra,
Sem meios de vencer a luta que o consome;
Dá-lhe de teu amor, na bênção de teu pão,
Ele te rogará consolo ao coração;
Mesmo em havendo empeço, ajuda-o mesmo assim,
Faze isso, meu filho, em memória de mim...”*

Reconheceu em Cristo a presença da Lei,
O devoto, extasiado e reverente,
Respondeu, claramente:
— “Obrigado, Senhor!... Assim farei...”

Nisso, ele volta ao corpo... Enlevado, desperta.
Manhã clara. Ouve alguém, batendo à porta,
Num choro que o agita e desconforta
Na morada deserta...
Recordando a visão do sonho iluminado,
Ergue-se, estremunhado,
Lembra Jesus com desvelado amor
E pergunta a si mesmo
Quem o procuraria
No amanhecer daquele dia,
Com tanta gritaria e tanta dor...

Atônito, ele sai
E encontra no infeliz, sem rumo e sem caminho,
O antigo desafeto, o impiedoso vizinho
Que lhe amargara a vida e lhe arrasara o pai.

Cantiga da tolerância

Quem diz que o verbo se vai,
Qual sol vazio no vento,
Não mostra o espírito atento
Ao que se pensa e se diz;
Mormente agora, na Terra,
Em transição apressada,
A frase rude na estrada
Invoca a treva infeliz.

Anota: às vezes, em casa,
Por simples questão, à-toa
Vem a injúria que atordoia,
Partindo para a agressão;
Duras mágoas do passado,
Remexidas de repente,
Parecem bombas da mente,
De explosão para explosão.

*O trânsito, em qualquer parte,
Parece um teste constante,
Exigindo, a cada instante,
Humildade e amor ao bem;
Aparece um desafio,
A prolongar-se no insulto,
E o crime que estava oculto
Arrasa os dias de alguém...*

*Quanto puderes, evita,
Onde estejas e onde fores,
Queixas, intrigas, clamores.
Ante o mal, silêncio é luz!...
Quem serve, eleva e perdoa,
Por mais sinta a vida amarga,
Diminui a luta e a carga
Que pesam sobre Jesus.*

Gente nossa

*No atendimento à penúria
Da multidão que desfila
De alma cansada e intranquãila,
Rogando agasalho e pão,
Não digas que esse trabalho
Vem de vaidade ou loucura
Desprimorando a cultura
Ou deprimindo a visão...*

*Silencia por instantes
O alarme da inteligência
E escuta na consciência
O coração a falar;
Essa fila enorme e aflita
É nossa família à frente,
Pedaço de nossa gente,
Em torno de nosso lar.*

*De sentimento a guiar-te,
Notarás no próprio peito
Surgir imenso respeito
Por esses irmãos na dor;
Olha o garoto que passa,
Enfermo, de olhar sem brilho,
Podia ser nosso filho,
Gritando por nosso amor.*

*Fita os irmãos fatigados
Sob as rugas da incerteza,
Marcados pela tristeza
De quem vive sempre a sós;
Foram jovens cintilantes,
Que em meio à graça e ao ruído,
Talvez pudessem ter sido
Nossos pais, nossos avós...
Alegra-te por servi-los.
Doar-lhes paz e esperança
É próprio de quem avança
Cumprindo as Divinas Leis;
Acolhe-os e escutarás
A voz do Cristo, onde fores:
— "Todo o amparo aos sofredores
É sempre a mim que o fazeis."*

Provação de um homem

*Na casa estilo antigo, austera e reservada,
Acontecera assalto revoltante.
Tudo fora ocorrência de um instante.*

*Caira a noite espessa em garoa gelada.
Um homem qual se fosse conhecido
Abrira facilmente uma porta de entrada,
Sem qualquer alarido,
E ganhara o interior,
Atirando no dono, um pobre professor,
A quem aparecera mascarado,
Furtando-lhe o dinheiro resguardado,
E jóias de valor,
Que se mantinham numa caixa forte...
Em seguida, fugira o malfeitor...*

*Fizeram-se tumulto e burburinho.
A polícia viera num momento
Num grupo de severos patrulheiros.*

*O antigo educador, aos oitenta janeiros,
Duramente atingido, estava quase à morte*

No quarto em desalinho,
Sob a assistência de uma filha em pranto,
Pediú fosse chamado
O seu filbo mais velho, um magistrado,
Pois queria falar-lhe na hora extrema.

A patrulha expediu pretimoso soldado...
Quase que de repente,
Um cavalheiro de alto porte
Adentrou-se na casa em revolta evidente.
Beijou as mãos paternas, comovido,
E após ouvir detalhes do ocorrido,
Clamou, exasperado:
– Hoje, de qualquer jeito,
Saberemos punir o celerado
E guardá-lo, a preceito...

Mas, na perda de sangue que o domina,
Embora a proteção da Medicina,
Sabendo-se a morrer, o pai lhe implora:
– Meu filbo, ouve-me bem!...
Já não posso falar bastante agora...
Não persigas ninguém.
Deixa de lado
O infeliz companheiro mascarado...
Que seria de nós se o delinquente
Fosse de nossa gente?!...
Quero partir abençoando os meus...
É preciso perdoar,
Esquecer, entender e auxiliar,
Para estarmos com Deus...

Entretanto, o ferido fez-se mudo.
Calou-se-lhe a voz clara.
A parada cardíaca chegara
E, depois dela, a morte apareceu,
Lançando sombra em tudo.

Ao ver o genitor imóvel sobre o leito,
O filbo magistrado
Exclamou revoltado:
– Não, não posso perdoar o terrível sujeito
Que aniquilou meu pai covardemente.
E chamando a patrulha, incontinenti,
Determinou, em voz desesperada:
– Precisamos concuir a tremenda caçada,
Contratem populares... Quero isso:
Mais gente habilitada no serviço.
Seja alcançada e preso
O homem que matou meu pai, velho e indefeso...
Preso e depressa!... É o que lhes digo...
Esse monstro é um perigo!...

Partem homens dispersos sob a noite.
Sirenes gritam alto;
Rodam carros rangendo sobre o asfalto,
O vento frio corta qual açoite...

Mais algum tempo decorrido,
É um emissário surge espavorido.
Pede licença ao chefe e lhe fala: – Doutor,
Prendemos finalmente o malfeitor...
Foi, porém, alvejado
A tiros de um rapaz que nos seguia,
Um popular não identificado;
Mas preciso avisar-lhe que o detento
Está em grande sofrimento,
sob a pressão de forte hemorragia...
É um rapaz muito moço, um menino a chorar...
Creia o senhor, é um caso singular...
Nosso grande empecilho
É que o jovem declara ser seu filho
E roga-lhe a presença na prisão!...

O magistrado em pleno desconforto,
No velório do pai, agora morto,
Exclama em fúria para o mensageiro:
– Meu filho? Nunca. Desde tenra idade,
Teve em meu cofre o que quis, à vontade,
Meu rapaz foi criado ao calor do dinheiro...
E acrescentou: – Esse ladrão
É um patife de lenda;
Meu filho nestes dias
Está de férias na fazenda,
A dezoito quilômetros daqui...

– Doutor, e o ferimento?
É dos mais graves que já vi,
Esclarece o emissário, calmo e atento,
– Devo buscar o médico ainda agora?

O interpelado irritadiço
Respondeu, prontamente:
– Nada de mimos para o delinquente,
Depois do sol nascer, cogitaremos disso

A manhã refulgia, clara e bela,
Quando, cercado de assessores,
O magistrado entrou na cela...
Mas ao ver o rapaz que um guarda lhe apresenta,
Ofegando, cansado, em agonia.
Numa poça sangrenta,
Reconhece, assombrado, à luz daquele olhar
Que a morte recolhia,
Agindo devagar.
Então pôs-se a rugir, a tremer e a clamar:
– Deus!... Pai de Bondade e de Infinito Amor,
Que fiz para sofrer tamanha dor?

Em seguida, abraçou-se ao jovem, ternamente,
No modesto colchão que o servia por leito...
A beijar-lhe, ansioso, as feridas do peito.
Nas rudes convulsões que a mágoa lhe consente,
Rebuscava-lhe, em vão, o olhar agora já sem brilho...
O nobre magistrado, em pranto ardente,
Encontrara no morto o próprio filho.

Cantiga da dor

*“E por que tanta dor por este mundo afora?
– Perguntei ao mentor que me instruíra –
Ralava-me na Terra a escassez de alegria...
Voltei do mundo físico e, ainda agora,
Novo tipo de lágrimas me assiste:
Sou feliz e sou triste
Vendo aqueles que amo, em provação constante,
Sem que eu possa valê-los,
Muito embora o carinho dos meus zelos
E o meu imenso amor de cada instante!...”*

*Ele explicou-me com bondade:
"Essa história da dor na Humanidade
Precisa ser revista...
Por que menosprezar-lhe a função alta e bela,
Se não há criatura a evoluir sem ela?
Vemo-la, em toda parte,
Desde o sono da pedra aos altos sonhos da Arte.
Entre os homens irmãos, tudo o que se conquista:
A cela corporal, as posses e os prazeres
Pedem a vida de milhões de seres!...
Quanta aflição envolve a Natureza
Para que o homem se alimente à mesa!?...
Se houvesse uma consulta em cada borta,
Se alguém se dispusesse a ouvir a queixa dos rebanhos
Ou se escutasse o tronco que se corta,
Quantas inquietações e protestos estranhos!...
A dor também é lei na qual se apura
A Civilização de que tens a cultura!...
Força de propulsão,
Sofrimento é processo
Para que se organize o topo do progresso
Ante o esplendor da evolução!..."*

*"E posso caminhar sem dor, em minha estrada?"
— Indaguei, pensativa.
E o mentor respondeu em voz pausada:
"Sem a bênção da dor, que nos guarda e elucida
Para o encontro do Bem,
Ninguém pode entender os ensinamentos da vida
Nem saberá servir junto de alguém."*

Perdoa e serve

*A mágoa não te aborreça
Nem te conturbe a alma aflita,
A frase que seja dita
Destacando a sombra e o mal.
A Terra é uma grande escola
De beleza indefinida,
Mas, por vezes, tem na vida
A importância do hospital.*

*Quantos amigos encontras
De cabeça erguida à frente,
Sem mostrar a alma doente
Sob a forma juvenil;
Esse transporta consigo
As trevas de ódio violento,
Outro guarda o sofrimento
Que vem de amarguras mil.*

*Aquela mulher vistosa
De porte belo e perfeito
Exibe uma cruz no peito
Por adorno de eleição;
Mas, embora viva em festa,
Carrega junto a quem ama
Uma cruz de pedra e lama
Por dentro do coração.*

*Alma querida, não deixes
Que a mágoa te busque ou vença,
Perdoa qualquer ofensa,
Seja essa ofensa qual for;
Na luta entre o bem e o mal
Na construção do porvir,
Triunfa quem sabe agir
Usando a bênção do amor.*

Jesus e a caridade

*Antes do Cristo vir ao mundo,
Era desconhecida
A irmã do amor que apoia a vida...*

*Só se sabia, a fundo,
Considerar, na Terra, o poder do mais forte.
Junto a irmãos do conforto, prósperos e altivos,
Os fracos, os vencidos e os doentes
Quase sempre, eram míseros cativos,
Rogando, muita vez, o consolo da morte,
Sem protetores ou parentes.*

*Embora a altura da filosofia,
O desprezo, a tristeza, o cansaço, a agonia,
Eram marcas de dor, em cada criatura
Que fosse conduzida aos vales da amargura!...*

*Mas Jesus, o Senhor,
ao sublimar o sentimento humano,
Trouxe consigo a irmã do amor
No coração do Bom Samaritano.*

*Desde então, eis que o mundo se ilumina
Na presença solar da Emissária Divina.
A generosa mensageira
Altera, pouco a pouco, a Terra inteira...
Nasce a idéia da paz, nos tempos novos,
A solidariedade aparece entre os povos;
O trabalho conquista amplo e belo conceito,
Eleva-se a mulher ao destaque e ao respeito;
A força do perdão reanima e consola,
A prisão evolui na direção da escola;
Fogem sombras do mal nas sugestões do bem...*

*E, atravessando séculos afora,
Ei-la igualmente aqui, nas bênçãos desta hora,
Unindo, no ideal que vos move a nobreza,
Arte e beneficência, alegria e beleza!...*

*Espalhando, em serviço, a paz que vos invade,
Seja bendito, em vós, o anseio superior,
Porque tendes convosco a luz da Caridade,
A Emissária do Cristo, – excelsa irmã do amor.*

Riqueza mais alta

*Dizes-te, às vezes, pobre e sem recursos,
Que ninguém te sorri...
Entretanto, não vês que trazes, ao dispor,
Um tesouro de vida superior,
Que podes espalhar, começando de ti.*

*Ergue-se de teu verbo o ensejo santo
De transmitir o bem a quem te escuta.
Exterminando o mal... Guardas, portanto,
A magia do Céu e o doce encanto
Da voz que estende a paz e extingue a luta.
Tens no olhos e ouvidos sentinelas,
De modo a ver em ti e, em derredor,
Os males a vencer, rixas e bagatelas,
Na construção do bem pela qual te desvelas,
Em louvor do melhor.*

*Tens nas mãos duas harpas prodigiosas
Capazes de entoar a melodia,
Da beleza, do amor e da alegria,
Criando arte e cultura, luz e rosas
Ao sol de cada dia.*

*Dizes-te, às vezes, pobre e sem recursos,
Que ninguém te sorri...
No entanto, tens contigo, seja em qualquer lugar,
A bênção de servir e trabalhar,
A riqueza mais alta que já vi...*

Espinhos

*Ouço-te as preces, alma querida e boa,
Rogando proteção,
Como quem pede entendimento e abrigo
Para o cansado coração...
E sei que choras, com motivos próprios,
Mesmo vivendo no clarão da fé,
Porquanto quem passou pelas sendas humanas
Sabe o que seja a luta e a provação como é...*

*Para os que decidem a viver sob a inércia,
Tempo, ante algum tempo, é sono simplesmente,
Mas para quem aceita o próprio aprendizado
A vida é diferente...*

*Entretanto, recorda:
Os espinhos da alma
São sempre como são,
Formando, em qualquer parte, os degraus da
À luz da elevação... subida*

*E os espinhos são muitos,
No caminho interior,
É o dever de se dar à batalha do bem,
O encargo de atender ao plantio do amor...
É a incompreensão de alguém, é o desafio
A fim de que se anule a tentação
Que tantas vezes nos visita,
A testar-nos o próprio coração;
É a nossa dor e a luta dos que amamos,
A inquietação e o medo, em cada prova,
A tristeza, a amargura, a sombra e a mágoa,
Tudo, enfim, que nos fere e nos renova.*

*Inda assim, alma boa,
Vale a pena seguir... Ama e perdoa!...*

*A fim de que se alcance a suprema alegria,
Não basta ver em nós sofrimento e pesar,
É preciso vencê-los, dia-a-dia,
Trabalhar e servir, aprender e passar...*

A alvorada do reino

*Tiago, filho de Alfeu, em desconforto,
No desapontamento que o invade,
antes que se rompesse a tempestade
Prestes a desabar sobre Jerusalém,
Foi ver o Cristo morto.*

*O vento escorraçava a multidão,
Que descia tangida à chibatas de pó;
Vendo o topo do monte quase sem ninguém,
Sob certo disfarce, o aprendiz de Jesus
Subiu, ansioso e só,
E falou para o Mestre, aos pés da cruz:
– Por que morrer assim, Jesus, se as profecias
De nossas tradições e de nossas memórias,
Falam de ti no Reino que previas,
Na condição de rei, cercado de vitórias?
O povo te saudou por Príncipe Perfeito,
Alto libertador da Terra Prometida...*

*Por que não combatestes, ao menos, por respeito
Aos que disseste amar nas agruras da vida?
Perdoa-me, Senhor, a repulsa que tenbo,
Nada vejo que a fé nos recomponha...
Ai de nós que ficamos!... Este lenbo
Para sempre, será nossa própria vergonha..*

*O apóstolo pausara, cismarento,
Mas do próprio madeiro,
Varando o ribombar do firmamento,
Veio, em amargo acento,
A voz de um Mensageiro,
Dos muitos que velavam, na hora extrema,
Pela paz do Divino Companheiro:
– Silencia, Tiago!... O reino que esperavas
É o mesmo desta hora em que se escuta
O terrível clamor de sofrimentos e luta
Das vastas multidões de almas escravas...
De que vitórias falas? As da guerra?
Da pilhagem no sangue em que se alaga?
Da púrpura dos reis que refulge e se apaga,
Ante a cinza dos túmulos da Terra?
Jesus não trouxe ao mundo o império da opressão
E sim a luz do Reino Superior
De verdade e de paz, de esperança e de amor,
Alto Reino de Deus que deve se elevar
De nosso coração!...*

*Emudecera a voz, mas o apóstolo aflito
Voltou a perguntar:
– Então Jesus, o Ungido dos Ungidos,
Não veio proclamar
A terra em que nasci por nação de escolbidos?!...*

*O Emissário, porém, clamou da cruz, em tom
– Tiago, não te dêes a preconceitos vãos, profundo:
Todo povo é de Deus, nos caminhos do mundo,
Todo somos irmãos!... Todos somos irmãos!...*

*O aguaceiro no céu, a jorros se destampa...
O apóstolo descia, pensativo,
Mas, na última rampa,
Encontra um pobre homem morto-vivo...
É um mendigo estirado, ao pé do morro,
A rogar por socorro...
Está febril, cansado, espancado e ferido.
Tiago enxerga nele um farrapo sangrento
E refletiu, de si para consigo:
– Será este, meu Deus, o divino momento
De compreender Jesus?*

*Inquieto e surpreendido,
A sentir-se, por dentro, em nova luz,
Toma o desconhecido
E, a carregá-lo nos seus próprios braços,
Registra estranha força a sustentar-lhe os passos...*

*Lembra a história do Bom Samaritano
E, na grandeza do seu gesto humano,
Leva o infeliz a humilde hospedaria...*

Na rua, a tempestade atroava e rugia...

*O apóstolo recorda o Cristo entre os doentes,
Desolados, sozinhos, maltrapilhos,
Que tratava por filhos,
Entre afagos e zelos permanentes...*

*Em seguida, contempla, enternecido,
Aquele companheiro anônimo e vencido;
Limpa-lhe o corpo em chaga e oferece-lhe um leito,
De inesperado amor inflama-se-lhe o peito...
Nessa transformação,
Abraça-se ao pedinte por irmão!...*

*Lá fora, o temporal estrugia, violento,
Apedrejando a Terra, entre os uivos do vento!...*

*Tiago se rendera à extrema compaixão...
Tocado de alegria excelsa e rara,
Sentiu, dentro do próprio coração,
Que a construção do Reino começara...*

De alma para alma

*E chegaste no mundo à grande encruzilhada:
De um lado a provação gritante e sem conforto,
De outro, o desalento ao peito semi-morto
E, mais além, a trilha obscura e escarpada,
Sob céu pardacento,
Em que te aguarda a aspérrima jornada
De sacrifício e sofrimento
Para atingir, de novo, a senda iluminada
Que te assegure paz no coração...*

*Clamas e choras, mas não te lastimes,
Nunca te faltará recurso a que te arrimes
Nem seguirás em vão.*

*Escuta, alma fraterna,
Não te deites, à margem do caminho,
Alegando cansaço e coração sozinho
Para fugir da estrada a percorrer...
Lança ao rio do tempo a dor que te consterna,
Reanima-te e volta ao movimento e à vida
E esquecerás a chaga dolorida
Que te põe a sofrer
Na mágoa que te alcança.*

*Alguém errou, furtando-te a esperança,
Mas ouve, alma querida,
A evolução é clara e definida:
A Terra, – nossa escola multimilenária, –
Foi criada por Deus para nos ensinar;
E todos nós, constantes aprendizes,
Temos faltas cruéis quanto acertos felizes...
Não te ocultes na névoa da tristeza;
O erro vem da própria Natureza,
Mas Deus também nos dá, sem conta e sem medida,
A força de amparar e corrigir a vida...*

*Pensa na gleba, inculta, arrasada a tratores,
Produzindo montões de frutos e de flores;
A enorme queda d'água é um abismo profundo,
Mas o homem que a sonda, observa e domina,
Dela triunfante extrai os poderes da usina
Que enriquecem de força o progresso do mundo;
A pedreira, a cair em processo violento,
Encaminhada à indústria é base do cimento;
E o manganês no solo, a impedir a verdura,
Trazido ao fogaréu, de pedaço a pedaço,
Faz-se a espinha dorsal das estruturas de aço...*

*Assim também, alma fraterna e boa,
Ergue-te e segue o bem, de espírito sereno!...
Desânimo é veneno.
Esquece todo mal, serve, ama e abençoa...
Não te canses de crer e de esperar.
A dor, em qualquer tempo, é a lúcida cartilha
Com que Deus nos revela a doce maravilha
De sofrer por amor na alegria de amar.*

Caravana

*Quando a crise te pareça
Duro lenho que suportas
De esperanças semi-mortas,
Fita os outros como estão...
Perceberás, claramente,
Na prova em que te conduzem,
Que todos carregam cruzes
No imo do coração.*

*Aquele homem bem-posto,
embora os cabelos brancos,
Está preso a vários bancos
Por débitos que mantém;
Outro que surge mostrando
Posse rica e passageira,
Chora a nobre companheira
Que a morte instalou no Além.*

*A jovem de face linda
Que tantos dotes condensa
Tolera a cruz da doença
De natureza mortal;
Aquele senhora triste,
De olhar calmo e gesto brando,
Tem o filho agonizando
Numa cela de hospital.*

*Aquele pintor famoso
Que a gente admira tanto,
Tem a cruz do desencanto
Por infortúnios de amor;
A bailarina que vimos,
No ritmo a que se entrega,
Lamenta a mãezinha cega
Inconformada na dor.*

*Buscando a união com Deus,
Somos nós, na estrada humana,
Corações em caravana,
Cada qual na própria cruz!...
Não te lamentos. Sigamos.
Nenhum de nós é sozinho,
Entre as pedras do caminho,
Quem segue à frente é Jesus.*

Redenção e amor

*A polícia chamara a velhinha presente.
Na sala de chefia, estava pouca gente,
Mas, no centro do quadro, uma jovem brilhante,
A quem a fama abrira as portas,
Levantou-se arrogante
E, apontando a senhora,
Que se vestia humildemente,
Falou ao delegado de plantão:
– Esta mulher aí de pernas tortas
Já me esgotou a paciência,
Por favor, excelência,
Exijo que ela seja repreendida,
É uma velha idiota a me arrasar a vida,
Diz ser a minha mãe, andando aqui e ali
Mas sei que minha mãe morreu quando eu nasci...*

*Creio seja a mulher de muita idade
Que mora aos fundos da mansão,
Onde encontrei a minha educação
E onde ela vive pela caridade.
Tenho um nome correto a defender,
Nos clubes, nos jornais,
Afastá-la de mim é apenas meu dever,
Quero que esta gorilba
Não me chame por filha,
Nem me incomode mais.*

*O delegado fita a acusada infeliz,
Que se mostrava pálida e sem jeito,
E indaga a respeito:
– A senhora?... O que diz?*

*A velhinha informou, em tom magoado:
– Peço consentimento,
A fim de esclarecer ao senhor delegado
Que estou viúva, há mais de vinte anos...
Vivi com meu marido poucos dias...
Era ele pintor, lidando em grande altura,
Faleceu ao cair de uma laje insegura,
Fiquei grávida e só, recalçando agonias...
Na condição de lavadeira,
Vivo sempre reclusa
No lar que me albergou a vida inteira,
Onde nasceu a jovem que me acusa;
Elá cresceu, senhor, fez-se forte e instruída,
E agora resolveu mudar a própria vida...*

*A moça aparteou, bradando revoltada:
– É mentira, excelência... Esta velha estouvada
É um caso apenas para sanatório...*

*Antes, porém, que o delegado
Emitisse apressado
Qualquer conceito vexatório,
Ouviu-se o coração materno, conformado:
– Disse toda a verdade, meu senhor,
Esta filha que eu tenho é a linda estrela
De minha estrada dolorosa,
No entanto, se é feliz sem meu amor,
Aceito a acusação de mentirosa
E prometo não mais aborrecê-la.*

*Ambas não mais se viram, frente à frente.
Aquela mãe sem forças, mais doente,
Da Terra desprende-se, fatigada...
Mas a filha seguiu por outra estrada.
A borboleta humana embevecida
Quis desfrutar, sem pausa, os prazeres da vida...
E viveu mais dez anos, festa em festa,
De coração afoito e desatento...
Almas lesadas, luto e desalento
Seguiram-lhe, no mundo, a insensatez funesta...
Mas a doença veio e a pobre já não era
A jovem que lembrava a primavera,
a princesa da noite e da ilusão...
Depois de angústia imensa, em longos dias,
Na mais deserta das enfermarias,
A morte situou-se noutras plagas...*

*Ei-la agora na vida diferente...
Sentia-se, em si própria, como em chagas;
Parecia guardar a memória doente
E, acima dos remorsos que trazia,
A dor da triste mãe que desprezara, um dia,
Punha-lhe o coração em fogo lento.*

*Não mais soube contar o dia, a hora,
Porque, perante o Além, na culpa de quem chora
O tempo se transforma em sofrimento...
Meses correram sobre muitos meses,
Via-se em sombra e a sós... No entanto, algumas vezes,
Ouvia vozes perto... Era a doce lembrança
Da meninice longe, entre as bênçãos do lar...
Ternos motes de amor e canções de ninar,
Como notas de paz em brisas de esperança...*

*Passados alguns anos, certo dia,
Enxergou novamente o sol, a natureza...
Pranteia de emoção, embora presa
À luz, à imensa luz que lhe sorria...*

*Eis que alguém lhe aparece... Um anjo de visita
Ou luminoso ser de beleza infinita?*

*Ela chora, a sentir-se envergonhada,
Mas esse alguém lhe fala com ternura:
– Vida de minha vida, filha amada,
A dor é a grande estrada para a Altura,
Quero ver-te, de novo, nos meus braços,
Regressarás à Terra, em minha companhia,
Minha flor de alegria,
Renascerás comigo no futuro...
Filha querida, estrela de meus passos,
Buscaremos, na Terra, as fontes do amor puro...
Como sempre, serás meu sonho e meu encanto,
Filha do coração, tesouro que amo tanto!...*

*Mas a pobre exclamou: – Quem sois vós que falais?
Filha? Fui sempre má, não mereço este nome...
Reneguei minha mãe, o fel que me consome
É o remorso cruel que não se acaba mais...
Quem sois vós que não vedes minha dor
E nem reconheceis a angústia que me leva
A recear a luz e esconder-me na treva?...
Por quem sois, anjo ou luz, uma santa ou uma estrela,
Levai-me à mãe que eu tive, quero vê-la...
Onde está minha mãe, meu refúgio e meu guia?
Somente minha mãe me perdoaria...*

*Mas a nobre entidade apenas respondeu:
– Ouve, filha querida!... A tua mãe sou eu!...*

Agradecimento

*Pelo prato de pão que dás à porta
Aos que se vão no espaço de ninguém,
Atirados à dor que os desconforta,
Deus te conserve as mãos na lavoura do bem*

*Ante os que sofrem a agressão do frio
Na trilha da aflição nevoenta e espinhosa,
Pelo agasalho com que os fortaleças,
Deus te resguarde a vida generosa.*

*Pensando nos doentes desprezados,
Cujas inquietações menores e alivias,
Pelo socorro que lhes ofereças,
Deus te faça mais luz na estrada dos teus dias.*

*Pelo perdão à ofensa recebida,
Por teus gestos de amparo e compreensão,
Deus te conceda em tudo, alma querida,
Felicidade e paz ao coração.*

Família e vida

*Família é o ponto de encontro,
Que a vida, em si, nos oferta,
Para a conta viva e certa
Do que se tem a fazer;
Às vezes, indica empresas
De amor, renúncia e talento,
De outras, é o pagamento
De débitos a vencer.*

*No lar, ressurgem afetos,
Dedicações incontidas,
Riqueza em luz de outras vidas
No tempo, a se recompor;
Mas também, dentro de casa,
É que o ódio de outras eras,
Abre feridas austeras,
Reconduzindo ao amor.*

*Vemos pais largando os filhos
Com desprezo e indiferença,
E os filhos em turba imensa
Combatendo os próprios pais;
Parentes contra parentes,
Lembrando aversões em brasa,
Unidos na mesma casa
Sob direitos iguais.*

*Se sofrimento em família
É o quadro em que te renovas,
Tolera farpas e provas,
Aceitando-as, tais quais são!...
Não fujas!... Suporta e avança!...
Sê tolerância, onde vás,
Segurança pede paz
E a paz é luz do perdão.*

Nesga de proeza

*Foi num cenário de atualidade,
No recinto de luxo, o público à vontade,
Delirava e aplaudia
A jovem que aliava harmonia e beleza,
Qual se fosse uma flor da natureza,
Enquanto se despia...*

*A música ambiente
Escorria no espaço, docemente.*

*A atriz desajeitada
Que era o enfeite daquela madrugada,
No palco debruado a cores fascinantes,
Embora a movimentação cadenciada,
Passo leve de cisne pequenino,
Mantinha os olhos baixos,
Tentando recobrir o corpo alabastrino
Com os cabelos tecendo longos cachos,
Como se desejasse
Esconder no rubor da própria face
A dor com que guardava o seu próprio destino.*

*O quadro da nudez artística surgia
Apenas por instantes
E, regressando a moça aos bastidores,
Um senhor de alto porte
Destacou-se de um grupo de senhores...
Homem moço a exhibir gestos brejeiros
Parecia chegando aos quarenta janeiros...
Ausenta-se da sala e aguarda na saída
A jovem que desponta, ainda mais bela,
Nobrememente vestida.
Embora revelando fino trato,
Ele avança, zeloso, e diz à ela
Quanto lhe admirara a beleza e o recato
Na cena colorida
Que ela marcara de ternura e vida.*

*Ela agradece a saudação
E procura afastar-se;
Ele, porém, sem mais disfarce
Da educação que mostra atravessa o limite,
Faz-lhe estranho convite,
Mas jovem lhe fala, olhos em pranto:
– Não me ofenda, senhor,
Tenbo somente dezessete anos...
Espero para breve um casamento
E se aceito esta ingrata profissão
É pelo pagamento
Para a manutenção
De minha pobre mãe tuberculosa...*

*E acentuou mais triste e mais chorosa:
– Ainda agora fui chamada
Para vê-la, talvez, na despedida...
Um longo tratamento foi inglório...
Minha mãe, meu senhor,
Agoniza, exilada em sanatório.*

*Ela contrata um táxi, apressada...
O cavalheiro sob enorme assombro,
Liga o seu próprio carro e segue-a na largada.*

*Entra a menina no hospital
E ouve as opiniões de estimada enfermeira,
Depois, segue ligeira
Para o vasto aposento,
Onde a mãezinha, em rude sofrimento,
Aguarda a hora derradeira...*

*Entre as duas, o olhar é de angústia e de pranto,
Repleto de aflição, de amor e espanto...
Mas nisso o cavalheiro esbaforido,
À custa do obséquio de um porteiro
Que peitara a dinheiro.
Rápido, alcança o quarto em forçado alarido...
Vendo, porém, a dama quase morta,
Assusta-se, recua e quer voltar à porta,
Mas a doente ganha forças
E vencendo a terrível dispnéia,
Assombrada lhe diz:
– Agenor!... Agenor!...
Não fujas, nem desprezes nossa dor!...*

*A santa mãe de Deus
É que te trouxe aqui,
Não te vás!... Nada temos contra ti!...
Vinte anos passaram de saudade,
O tempo para mim foi uma eternidade...
Esperei-te em serviço,
Sem jamais esquecer o nosso compromisso,
Até que o corpo frágil me traiu,
A saúde caiu
Mas nada me faltou...
Nossa filha, empregada de escritório,
É meu apoio neste sanatório...
Mas agora... Agenor...
A morte já vem perto...
Perdoa-me se levo o teu amor
No meu peito cansado, enfermiço e deserto...
Mas... se posso fazer-te algum apelo,
Ampara a nossa filha,
Protege-a, sob a força de teu zelo...
Jovem, quase menina,
Ela é a nossa heroína
Que nunca me deixou sem remédio e sem pão...
Se é que vieste ver-me,
Vem por Deus a fim de recebê-la,
Como sendo no mundo a nossa estrela
E o nosso coração...*

*O cavalheiro pálido, suspenso,
Enxuga as próprias lágrimas num lenço.*

*Talvez pela energia despendida,
A senhora calou-se em paz indefinida...
Aquele corpo triste, enfim, morrera,
Guardando da alma ausente um sorriso de cera...*

*Ante quatro enfermeiras espantadas
O homem agora em pranto
Humildemente busca a menina que chora,
Toma-lhe a mão da qual não mais se desvencilha,
Abraçam-se depois,
Em soluços os dois...
E olhos postos talvez nas brumas do passado
O cavalheiro transformado
Reconbece que achara a sua própria filha!...*

Cantando agradecemos

*Deus te abençoe, alma fraterna
Pela presença amiga
Com que honras a festa da bondade
No recinto de luz que nos abriga!...
Certamente, deixaste à retaguarda
Deveres que transportas na lembrança,
Mas, mesmo assim, trouxeste o teu concurso
Aos que choram nas filas da esperança...*

*Deus te abençoe a inteligência
Com que enfeitaste de harmonia,
Arte, renovação, cor e beleza
Esta noite de paz e de alegria,
Talvez sentindo o coração magoado
Pelas tribulações do mundo desatento,
Sem, no entanto, esquecer os irmãos que vagueiam,
Entre a necessidade e o sofrimento.*

*Deus te abençoe a frase generosa
Com que extingues o mal, onde o mal se levante,
Para que a chama da beneficência
Possa seguir adiante...
Varando incompreensões,
Tudo sabes transpor,
Emoldurando as pedras da jornada
Com pétalas de amor.*

*Deus te abençoe, alma da caridade,
Que buscas, por prazer,
Mostrar que qualquer dor lembra a noite que passa
E o bem, onde aparece, é sempre o amanhecer!...
Segue e não temas!... Ama, crê e auxilia
Que prova alguma te atordoe...
Por toda a luz que espalhas, dia-a-dia,
Deus te guarde e abençoe.*

Festa de amor

*Enquanto o mundo, lá fora,
Suporta rude tormenta,
Sob a discórdia violenta
Que sombra e angústia descerra,
Neste pouso de esperança,
Artistas e benfeitores
Espalham bênçãos e flores
Que afastem a dor da Terra.*

*Tantos convites à paz,
Que a fé reúne e condensa,
Para que a paz brilhe e vença,
Reconforta-nos ouvir...
Notando a vossa bondade,
Em que me inspiro e comovo,
Sentimos Jesus, de novo,
No presente e no porvir.
Soubestes ler a mensagem
Da Natureza divina,
O Sol jamais raciocina
Para dar luz e calor;
A fonte serve sem paga,
O ar é um brinde opulento
Que verte do firmamento
Em oceanos de amor.*

*As árvores generosas,
Tanto aos homens, quanto aos brutos,
Entregam seus próprios frutos,
Diferentes, tais quais são;
Os pássaros, onde surgem,
Usando requinte de arte,
Exaltam, em toda parte,
A força da Criação.*

*Também vós, no excelso câmbio
Do Bem que traz a alegria,
Que, sobretudo, alivia
Tantos pais e tantas mães,
Guardais convosco os prodígios,
Na química do talento,
Que amparam o sofrimento,
Trocando rosas por pães!...*

*Acendestes com bondade,
No fulgor da inteligência,
A luz da beneficência,
Corações amados meus!...
A vossa festa de auxílio,
Tão-só por si nos revela
Que a vida é sempre mais bela,
Buscando a Bênção de Deus.*

O caminho do reino

*Após a última ceia, o discípulo João,
O mais jovem do Grande Apostolado,
Sob forte impressão
De tudo quanto ouvira do Senhor,
Tendo Jesus ao lado
Indagou, pensativo:*

*– “Mestre, é tão grande a luz da esperança em
Que me permito perguntar: que eu vivo,
Onde posso encontrar,
Inda mesmo em estudo alto e profundo,
Nas instruções do mundo,
O caminho real para o Reino do Amor”?*

*O Cristo replicou: – “Medita, João,
Asserena teu próprio coração,
Aqui, ali, além, seja onde for,
Segue plantando o bem, a paz, o amor...
A vida é um livro aberto
E a própria vida te trará por certo,
Ante as inspirações que vertem das Alturas,
A estrada para o reino que procuras”...*

*Depois do encontro amigo,
Tudo se transformou nas Boas Novas...
O grupo penetrou em grandes provas:
Medo, tristeza, angústia, inquietação, perigo...*

*Jesus fora arredado da enxovia.
Em silêncio e à distância, João seguia
Todas as ocorrências, de hora a hora.
Por fim, notou, quase desatinado,
Que o Mestre, portador de tanto bem,
Vinha sendo espancado
Sob as injúrias de Jerusalém.*

*O apóstolo sem paz
Observou que a multidão
Lançava o Cristo na condenação
E absolvía Barrabás...
Perplexo anotou que a tantas zombarias
Não formulou Jesus quaisquer respostas...
O Mestre admitira a cruz às costas,
Por entre acusações e gritarias.*

*Depois, ei-lo a seguir fatigado a hesitante...
Tropeçava, suarento.
O cortejo seguia, frio e lento,
A engrossar-se de gente, instante a instante...
Para ajudar-lhe a marcha estranha e triste,
Foi trazido até ele o cireneu...
A turba protestou, de dedo em riste,
Jesus, porém, calou-se e nada respondeu...
Terminado que foi o duro itinerário,
Alcançara o Senhor o cimo do Calvário...*

*João que a tudo assistia,
Antes de se achegar à bênção de Maria,
Esmagado de dor, surpresa e espanto,
Rememorava em pranto
Todo o amor que Jesus distribuira...
As pregações do lago, ante os céus de safira,
O Sermão da Montanha, à luz da Natureza,
O pão multiplicado, o riso das crianças,
A exaltação das bem-aventuranças,
Os doentes curados, a beleza
Da fé que renascia em tanto rosto
Que a provação cobria em névoa de desgosto...
Lembrava os paralíticos reerguidos,
A gratidão de todos os caídos
Que o Mestre levantara para o bem...
Como entender, assim, Jerusalém
Que condenava o mensageiro
Da Bondade dos Céus para com o mundo inteiro?*

*Tocado de emoção e sofrimento,
Abeirou-se do Cristo, então tranqüilo e atento,
E ponderou: – “Senhor, não posso crer...
Pelo bem que se faz, é preciso morrer?
Por haveres plantado a paz e a luz
Deves achar a morte sobre a cruz?
Defende-te, Senhor, fala, protesta,
O teu ensinamento é a força que me resta,
Não me deixes, em dúvida, sozinho”!...
Mas Jesus, compreendendo o tempo escasso,
Respondeu, transpirando amargura e cansaço:
– “Não te lamentes, João!... Deus vive em nós”...
Depois, erguendo a voz,
Disse, fitando o monte em pedra e espinho,
A refletir no olhar a própria dor:
– “Por enquanto, na Terra, este é o caminho,
O caminho real para o Reino do Amor”!...*

Arte e vida

*Dizem que, em plenos céus, encontraram-se, um dia,
A cigarra cantora e a formiga prudente,
Mas deixando de longe a fábula dos homens
A fala do Senhor foi muito diferente.*

*Ele disse à formiga: “Sê bendita,
No esforço que fizeste... Embora pequenina,
Ensinaste na Terra as lições do trabalho,
Exaltando o valor da disciplina.
Construíste, guardaste, entesouraste,
Reservando celeiro ao próprio excesso,
E demonstraste aos homens quanto vale
A previdência ao culto do progresso.
Bendita sejas, por que promoveste
A união de teus grupos e parentes...
Serás na Terra o símbolo do apoio
Com que se deve amar aos próprios descendentes”...*

*Tendo havido uma pausa, a formiga contente
Talvez ansiando armar algum ingênuo enredo,
Desejou complicar a amiga desprezada
Que vivera cantando no arvoredo.*

*Mas o Senhor voltando ao verbo alto e sereno,
Decidiu-se expressando a própria Lei:
– “E, quanto a ti, cigarra, sê louvada
Pela atenção no encargo que te dei.
Raros homens souberam perceber-te
Na elevada missão de que foste investida,
O Céu determinou cantasses, embalando
A natureza em luta, ante as ordens da vida.
Cantavas sem prender-te a tesouro e celeiro,
Sabendo que eu jamais te negaria,
Pensamento e palavra, harmonia e beleza
Para a benção do pão de cada dia.
Viajores prostrados de cansaço,
Ao ouvir-te as canções, guardando-as na lembrança,
Refaziam a fé nos poderes da vida,
Prosseguindo a jornada ao toque da esperança...
Troncos ao sol do estio, ressecados,
Erguendo aos céus os ramos sofredores,
Escutando-te a voz, aguardavam, em prece,
O regresso da chuva a cobri-los de flores...
Cantavas e a coragem retomava
Lares e prados, montes e caminhos,
Derramavas a música no Espaço
Alcançando os jardins, as árvores e os ninhos...*

*E muita vez, cantavas de tristeza
Sem que ninguém te visse a solidão,
Mas atendeste aos Céus que te pedia,
Servir cantando em forma de oração.
A formiga é a prudência apoiando o progresso,
Para que a Terra lute e evolua, a contento,
Entretanto, cigarra, serás sempre,
A inspiração de luz do firmamento.”*

*Artista, aceita a vida, embora as dores
Que a vida em si te impõe, sem compreendê-las,
O progresso constante é a grandeza do mundo,
A arte, porém, pertence ao País das Estrelas.*

Lembrança Intima

*Se souberes de alguém
Que se afastou do bem,
Nada digas de mal,
Porque não sabes se a pessoa
Que se complica ou se atordoa
Tem algo que lhe agride a limpeza mental.*

*Se escutares na estrada
Que essa ou aquela criatura vive errada,
Abençoa, trabalha e silencia...
Com referência à tentação e à queda
Ou à calúnia feroz que a tanta gente enreda,
Cada qual tem seu dia.*

*Se vires chaga ou lama,
Cala-te, faze o bem, asserena-te e ama,
Planta alegria e paz.
De tolerância e amparo no caminho
Ou do braço leal de algum vizinho
Eu preciso e também precisarás.*

*Lembra a fonte que passa a entregar-se, de todo,
por mais se lhe arremesse pedra ou lodo,
Ei-la fazendo o bem...
Seja onde for, recorda, alma querida,
Que o próprio Deus, o Pai e Excelso Autor da Vida,
Não despreza ninguém.*

Amor e Vida

*Na sala extensa da delegacia,
Estavam de plantão
O chefe e um escrivão
Agindo atentamente.*

*Diante deles se reconhecia
Um nobre advogado em companhia
De um filho adolescente.*

*Algo distantes, lado a lado,
Erguia-se um soldado,
Guardando a prisioneira, uma doente,
Triste e pobre mulher, maltratada e abatida
Que, conquanto sentada,
Parecia a visão da dor, ansiosa e conformada,
Entre a ronda da morte e a presença da vida.*

– Doutor, – falou o chefe vigilante,
Dirigindo a palavra ao visitate,
– Embora o furto confessado,
Não sei o que fazer da velha, aqui detida,
Todo o processo-crime está formado,
Mas a infeliz não tem qualquer defesa...
Já nomeei um bacharel amigo
Que lhe proteja a causa
De mulher sofredora, em extrema pobreza,
Mas a doença dela é de febre sem pausa,
Segundo o nosso médico em serviço,
É um caso grave de pneumonia...
Que fazer? Conservá-la na prisão?
Aguardar do juiz alguma decisão?
Recolhê-la em asilo hospitalar?
Ou guardá-la em custódia no seu lar?

O causídico explode em tom severo:
– Absolutamente, não a quero;
Trata-se aqui de ladra astuta e estranha
Que desde a meninice me acompanha...
Lavadeira na casa de meus pais,
Confesso que em meus tempos de menino
Ela foi ama generosa e boa,
Ajudou-me e serviu-me em pequenino,
Algum tempo de amparo, cousa à-toa...
Mas foi sempre um trambolho em meu caminho.
Desorientada e analfabeta,
Sempre me pareceu a burrice completa...

Minha mãe, há dez anos, falecida,
Pedi-me, antes da morte, agasalhar-lhe a vida.
Tornei-a lavadeira em minha residência...
Infelizmente agora,
Furtou minha senhora
Em jóias no valor de alguns milhões!...
Fale, pois, Excelência.
Como ampará-la com paciência,
Se esta velha se fez agora simples ladra?
Resguardá-la em meu lar? Isso não quadra.

Ouvindo a acusação, a pobre estarecida,
Caiu, desfalecida...

Enternecido, o próprio delegado
Fitou o advogado,
Como a lhe perguntar de que modo agiria;
Ele apenas, porém, respondeu friamente:
– Que se lhe dê qualquer enfermaria...
Desmaio de gatuno é antigo expediente...
Depois, erguendo mais a voz:
– Pode espantar aos tolos, não a nós...
Nada posso fazer,
Devo esperar meu pai que volta ainda hoje
De uma visita a Portugal.
Coloquem esta ladra no hospital,
A Polícia dispõe de ação segura e pronta,
A despesa será por minha conta.

*Pai e filho, no carro, a deslizar lá fora,
Eis que o rapaz revela, enquanto chora:
– Papai, ao ver a Tia Lina desmaiada,
(Lina era o nome da acusada),
Já não devo ocultar o erro que fiz,
Num momento infeliz,
Roubei todas as jóias da Mãezinha,
Tenho-as todas em minha escrivaninha;
E Tia Lina me viu quando as furti,
Sabe o erro que fiz
E porque se calou, realmente não sei...*

*Pálido, o genitor espantado e abatido,
Colbe das mãos do filho o tesouro escondido...
Quer gritar, acusar, mas a hora é de ação;
O pai estava à porta,
Regressando feliz da ditosa excursão.*

*Depois das manifestações de amor e de alegria,
Ambos se trançam numa sala;
O velho escuta a história e, ao registrá-la,
Tanto mais chora, quanto mais a ouvia...*

*Em silenciando o filho, o distinto senhor,
Sem poder dirfarçar a profunda emoção,
Falou-lhe, coração a coração:
– Filho, de qualquer modo, és sempre, o nosso amor,
Eis chegado, no entanto, o instante justo,
Em que devo contar-te, mesmo a custo,
Algo que foi passado...
Minha esposa, depois de nosso enlace,
Precisava de alguém que lhe compartilhasse
Os cuidados do lar, a limpeza, o serviço...
Nossa querida Lina
Surgiu-nos, certo dia... Era quase menina,
No entanto, estava grávida e solteira.
Nela encontramos nobre companheira,
Dela nasceste em nosso próprio lar,
Minha mulher beijou-te a sorrir e a cantar...
Desde então, tua mãe – tua mãe verdadeira,
Deu-se, de todo, a nós, de espírito cativo,
Esqueceu-se por nós, nunca pode estudar,
Ela era o serviço, o apoio em nosso lar...
Nada nos reclamou, nem mesmo uma só vez,
Declarava-te o filho de nós três,
Nunca foste adotivo...
Criança recém-nata, eras fraco e doente;
Lina te resguardou, constantemente.
Mãe, servidora, irmã e escrava pelo afeto
Agora, certamente,
Aceitou a prisão para salvar o neto...*

*Sufocado de pranto, acompanhando o pai,
O advogado na delegacia
Apagou toda a queixa
Que já não mais vigoraria...
Perguntou por notícias da acusada,
Soube que Lina fora transportada
Para uma enfermaria de indigentes.*

*Correm os dois, ansiosos e impacientes,
Querem Lina de volta, por sinal;
Mas sobre o leito humilde do hospital,
Acham-na muda e inerte... Esclarece a enfermeira
Que a doente chegara à hora derradeira...*

*Põem-se os visitantes a chorar,
Mas Lina lhes dirige um último olhar...
E nesse último olhar que envolve os três
A verdade se fez...*

*Descem-lhe grossas lágrimas na face,
Qual se a pobre ao vertê-las,
Por elas encontrasse
Um caminho de luz para a luz das estrelas...*


*O filho a soluçar, sem conforto e sem voz,
Reconheceu, por fim, de alma abatida,
Que a mais simples mulher, em renúncia na vida,
Pode ser nossa mãe, junto de nós...*

Oração no Tempo

*Agradecemos, Jesus,
Ao teu amor infinito,
Este recanto bendito,
Que nos ergueste por lar,
O pão que nos dás à mesa,
A confiança, a harmonia,
O entendimento, a alegria
E a bênção de trabalhar.*

*Agradecemos o apoio
De tua força divina,
Que nos ampara e nos ilumina,
Desde a Terra ao Mais Além;
Os aguilhões do caminho
E o duro rigor da prova,
Que nos eleva e renova
Para a conquista do Bem.*

*Agradecemos, ainda,
O culto vivo da prece
Que em tudo nos enriquece
De paz, união e luz!...
Permite que te roguemos:
Nunca nos deixes a sós...
Seja onde for, vem a nós,
Fica conosco, Jesus!...*

[®]  **integração
gráfica, editora e
impressos escolares Ltda**

impresso nas oficinas da

rua piratuba, 74 - cep 04262
tel.: 276-3138 - são paulo - sp,
Brasil

